

Por que o catingueiro tem que ser competitivo?

# OS CAMINHOS DA CONVIVÊNCIA COM A SECA

Clovis Guimarães Filho

O uso do termo "convivência com a seca" começa a dar sinais de desgaste, a julgar pelos novos termos que começam a surgir na mídia. Realmente, de tudo que se falou até hoje sobre conviver com a seca no nosso semi-árido, muito pouco foi efetivado, não considerando os programas de irrigação, não propriamente uma forma de convivência com a seca, já que modificam totalmente o ecossistema.

Mesmo assim, os perímetros irrigados, hoje, correspondem apenas a menos de meio por cento da região semi-árida.

A busca da harmonia entre as atividades econômicas e a preservação dos recursos naturais demanda ações bastante abrangentes, exigindo

uma ampla ação cooperativa multidisciplinar e multiinstitucional. A extrema complexidade que envolve a natureza dos fatos

criar meia dúzia de cabras sem causar danos à caatinga.

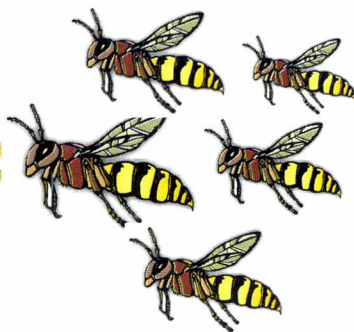
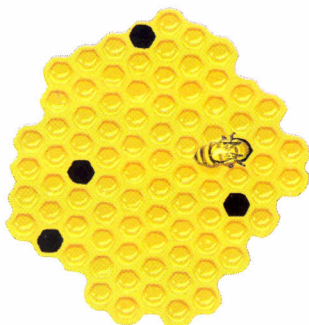
Exatamente por terem sido extremamente setorizados e terem desconsiderado o que o próprio ambiente oferecia é que os programas para o semi-árido não-irrigado



res responsáveis pela condição de pobreza das comunidades que nela habitam não permite que o estabelecimento de um programa de convivência com a seca se limite ou seja entendido como a mera ação de construir uma cisterna para o produtor ou de ensiná-lo a

têm a apresentar resultados apenas pífios.

Alheia a tudo isso, a degradação ambiental continua inexorável, com zonas fortemente atingidas, já afetando cerca de 22% da superfície total. Alguém muito bem disse que, em termos de recursos hídricos, já estamos



tomando emprestada água pertencente à próxima geração. O grande desafio é encontrar não apenas formas de uso do ecossistema caatinga que assegurem a sua preservação, mas, também, que essas formas de uso sejam capazes de proporcionar uma oferta estável de bens e serviços, a custos competitivos, para um mercado cada vez mais exigente.

Nessa concepção, quatro etapas, não necessariamente sequenciais, podem ser consideradas como prioritárias para que a convivência com a seca deixe de ser uma utopia e se transforme em algo possível de ser alcançado:

❖ 1) *reversão do processo de degradação ambiental* - Sustar e reverter o atual processo de degradação dos recursos naturais do semi-árido parece ser a primeira medida a ser considerada em um programa de convivência com a seca. A medida teria como foco

principal as bacias do São Francisco e do Parnaíba, mas atingiria todas as médias e pequenas bacias hidrográficas da região. As ações contemplariam, entre outras, o desassoreamento, a recuperação de matas ciliares, a redução de efluentes contaminantes, sem esquecer o estabelecimento de dispositivos permanentes de monitoramento que assegurem uma gestão eficiente dessas bacias no futuro. Devem ser incluídos, também, nessa etapa, programas de expansão da oferta de águas de superfície e subterrâneas; estas últimas com ênfase especial nas bacias sedimentares, e uma profunda reformulação na concepção dos atuais projetos públicos de irrigação, expandindo seus benefícios, via integração com áreas de sequeiro, com base em anéis diferenciados de acesso à água.

❖ 2) *reordenamento dos espaços agro-econômicos* - O reordenamento dos espaços agro-econô-

micos é outra medida que se impõe pela acentuada diversificação do semi-árido, exigindo para cada espaço estratégias tecnológicas e de apoio diferenciadas. O zoneamento dos espaços próprios para cada atividade, agrícola ou não agrícola, e o conhecimento acabado de suas limitações e potencialidades, valorizando as especificidades locais, são requisitos básicos para o direcionamento de políticas públicas de apoio com o nível de eficiência requerido para regiões secas. Apenas dezesseis por cento da superfície do semi-árido apresenta bom potencial agrícola. Cerca de quarenta e sete por cento pode ser considerada de regular e baixo potencial e os restantes trinta e seis são inaptos para qualquer atividade agropecuária. Em alguns desses espaços aptos há ainda a necessidade de proceder ajustes fundiários. Nas áreas da Depressão Sertaneja (22% do semi-árido), mais de 70% dos estabelecimentos rurais têm área inferior a 50 hectares, mas, em seu conjunto, somam apenas 30 ou 40% da área total. Não há como um caprinocultor, por exemplo, mesmo com um nível tecnológico razoável de exploração, oferecer um padrão de vida condigno à sua família com um estabeleci-

mento de área inferior a 200 ou 300 hectares. A não ser com irrigação e vendendo raça, e não simplesmente carne e pele. É necessário um rebanho caprino com, pelo menos, 300 matrizes para proporcionar esse padrão mínimo, sob condições de dependência de chuvas. Nas condições extensivas tradicionais, esse rebanho exigiria cerca de 600 hectares de boa caatinga para produzir satisfatoriamente. Os ajustes fundiários constituem, talvez, a medida mais complexa de efetivar, mas são exequíveis e indispensáveis, considerado o enfoque dessa discussão.

❖ 3) *mudança do padrão tecnológico* - A mudança no padrão tecnológico dos sistemas de produção é, na realidade, o passo crucial que irá permitir a inserção do produtor do semi-árido no mercado. A mudança implica, antes de tudo, a reestruturação e o fortalecimento da rede regional de assistência técnica e extensão rural, seja ela pública ou privada, e a formação

**O sisal vive com facilidade na região semi-árida.**

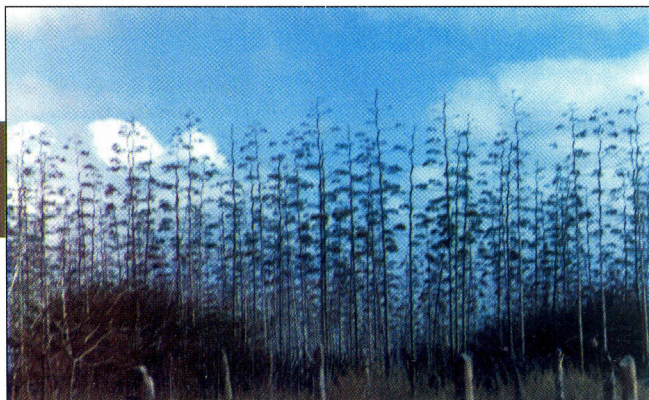
de redes locais de apoio técnico. Só assim será possível fortalecer os processos de validação e transferência do enorme

acervo de tecnologias e conhecimentos gerados e disponibilizados pela pesquisa. Tem muita coisa boa ainda na prateleira, sem condições de ser levada ao produtor. No nordeste da Bahia, onde estão os maiores rebanhos caprinos e ovinos, há apenas um técnico qualificado para cada 250 mil cabeças.

❖ 4) *inserção no mercado* - Um maior nível de tecnificação resultará em um impacto bastante limitado se o produtor, simultaneamente, não adotar técnicas gerenciais e organizativas que lhe permitam reduzir os custos unitários de produção e fortalecer o seu poder de barganha no mercado. Criar ou plantar ele sabe, o que não sabe é vender. A efetiva inserção no mercado não será possível sem programas agressivos de organização e de capacitação gerencial do produtor (não confundir com a massificação de

treinamentos, muito mais na base da oferta que da demanda, que estamos assistindo). Adequadamente capacitado e organizado será mais fácil ao produtor buscar a melhoria da qualidade e a valorização dos produtos regionais, identificando novas oportunidades de mercado e estratégias e canais alternativos de comercialização desses produtos que permitam a redução da cadeia de intermediação e uma maior articulação com os segmentos transformador e distribuidor.

A valorização dos produtos locais, conferindo-lhes uma identidade territorial e cultural que lhes proporcione a necessária diferenciação pode e deve se constituir no instrumento estratégico do produtor para encarar, com boas chances de sucesso, o processo de globalização dos mercados. São muitos os produtos agropecuários com potencial para essa finalidade,

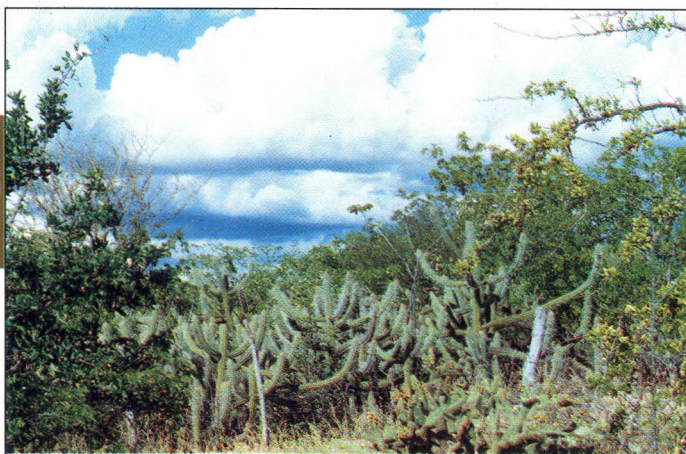


sendo o caprino, sem dúvida, o de maior potencial.

**Na fauna e na flora da Caatinga ainda têm muitas espécies desconhecidas.**

Podem ser citados, também, o ovino, os produtos apícolas, o umbuzeiro, a fibra do sisal, o algodão em pluma e as madeiras de lei, com destaque para a aroeira e a baraúna, entre outros. Há, ainda, um vasto arsenal de alternativas para enriquecimento dessa lista, representado por espécies desconhecidas ou pouco conhecidas da flora e da fauna da caatinga, incluindo micro-organismos (bactérias, fungos, líquens) e até genes, com potencial de aproveitamento econômico, todas ainda à espera da atenção da pesquisa.

As etapas acima devem ser vistas em seu



conjunto. Nenhuma delas, isoladamente, propiciará benefícios significativos ou ganhos perenes. A complementaridade e a sinergia entre elas constituem o fator decisivo que permitirá atingir os objetivos maiores de um programa de convivência com a seca: a preservação dos recursos de solo, água, flora e fauna e o bem estar das pessoas que deles dependem.

Nada do acima mencionado, contudo, poderá ser feito sem o apoio vital do instrumento "crédito".

Há, porém, que adequá-lo às circunstâncias sob as quais operam os produtores. Para as atividades rurais de sequeiro no semi-árido, embora não se possa negar alguma melhora recente, o crédito tem sido caro, relativamente escasso e excessivamente burocratizado. As estiagens têm que ser encaradas como um fator normal de produção. A Austrália, maior exportadora mundial de carne, subsidia metade dos custos da ração nos períodos de seca. Em nome da multifuncionalidade da propriedade agrícola os europeus anualmente dão bilhões de dólares em subsídios para o campo. Por que só o nosso catinqueiro tem que ser competitivo? ■

### Dados relevantes

● Degradação ambiental - 22% da superfície total

● Mais de 70% dos estabelecimentos rurais - área inferior a 50 hectares

● No nordeste da Bahia - há apenas um técnico qualificado para cada 250 mil cabeças de caprinos e/ou ovinos.

Clovis Guimarães Filho -  
Pesquisador da Embrapa  
Semi-Árido, Petrolina (PE)  
- E-mail:  
clovis@cpatsa.embrapa.br